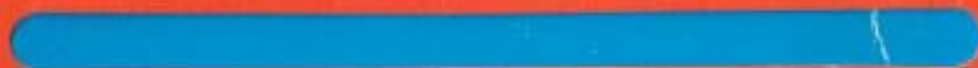


Mario Sergio Cortella

EDUCAÇÃO,
CONVIVÊNCIA E ÉTICA

audácia e esperança!



CAPÍTULO 6

Educação e formação da convivência: autenticidade sem agressividade!

Agir conforme aquilo que se fala, alinhar discurso e prática, além de ser uma postura ética, é um sinal de autenticidade. Uma pessoa autêntica, no sentido etimológico, é aquela que coincide com ela mesma. Isto é, ela é o que é. A junção de *autos* com *itkos*, em grego, é entendida na Filosofia como “aquilo que não se descola da sua essência”. Há uma coincidência entre a essência e a existência. Eu sou aquilo que aparento e aparento aquilo que sou.

Um pai ou uma mãe, por exemplo, que fala da importância de valores religiosos tem de praticar alguma percepção de religião, porque, do contrário, se torna contraditório. A autenticidade exige a recusa a ser contraditório. Nós somos passíveis de sermos contraditórios, mas temos de ficar atentos para não sê-lo. E, sendo contraditório, precisamos ter a capacidade de corrigir esse desvio de conduta.

A autenticidade vem pela possibilidade de coincidir aquilo que eu aparento com aquilo que sou, aquilo que faço com aquilo que digo. A noção de autenticidade pareceria estranha nos tempos atuais, porque até se diria que uma pessoa autêntica fica mais exposta. E isso a deixaria frágil, porque vivemos numa sociedade em que a aparência não incorpora necessariamente a essência, em que aquilo que se mostra não é obrigatoriamente aquilo que se tem. Eu considero que uma pessoa autêntica tem um sofrimento interno menor. É um aspecto muito positivo sair do armário, em muitos sentidos, não só em relação à orientação sexual, porque reduz imensamente o sofrimento.

Toda mentira, toda dissimulação, tem um custo de energia vital para ser mantida para a própria pessoa e para os demais. É uma tentativa de praticar o impossível autoengano. A energia vital que a pessoa tem de despendar para acreditar que é aquilo que não é, sendo que ela sabe que não é o que aparenta ser, a leva a um desgaste imenso, a um sofrimento prolongado e, no final das contas, a um desperdício de vida.

Uma das coisas que apequenam a vida é o sofrimento originado pela incapacidade de a pessoa fazer coincidir aquilo que é com aquilo que pensa de si mesma, no modo como se apresenta. Será a autenticidade um risco numa sociedade como a nossa? Sem dúvida, se ela não for usada com moderação. A autenticidade tem de ser concreta, integral. Ser autêntico não significa derivar para a falta de educação. Em outras palavras, alguns confundem ser autêntico com ser franco o tempo todo, deixando escapar o recato, algo necessário no campo da convivência. Esse comportamento é bem diferente de ser dissimulado.

Aliás, algo que é necessário ensinar e cultivar é a piedade. O que é piedade? Quando tenho piedade de alguém, não quer dizer que sinto pena da pessoa. É que, como quero respeitá-la, existem coisas que eu não quero mais fazer para que ela sofra ainda mais. Exemplo: a seleção alemã de futebol, no 7 x 1 sobre o Brasil na semifinal da Copa do Mundo de 2014. Depois que estava 5 x 0 no placar, a equipe alemã (que se sagraria campeã mundial) tornou-se piedosa. Aquilo é um exemplo moral absolutamente relevante. Decidiu que iria vencer sem humilhar, derrotar sem esmagar. Esse comportamento, que pôde ser observado já durante o jogo, foi confirmado meses após a partida, em entrevista, pelo capitão da seleção, Philipp Lahm. Claro que dá alegria fazer quatro gols numa Copa do Mundo. Mas, depois do quinto gol, os alemães meteram o pé no freio e deixaram de comemorar. Aquilo é um exemplo contemporâneo absolutamente belo de um povo que lutou para reconstruir a sua imagem junto ao Ocidente. E isso oferece honra ao vitorioso.

O que é uma pessoa honrada? Aquela que, entre outras coisas, tem a percepção de piedade, aquilo que precisa ser resguardado na convivência. Uma pessoa autêntica tem a autenticidade grudada à piedade. Eu não posso, em nome da minha autenticidade, dizer tudo o que penso. Eu não posso, em nome da minha autenticidade, desqualificar apenas porque quero ser transparente. Ser autêntico não significa ser transparente de maneira contínua.

Ser transparente para si mesmo? Sem dúvida, mas dizer tudo o que pensa numa convivência é ofensivo. O exemplo do menino de 5, 6 anos de idade que traz o presente clássico do Dia dos Pais feito pelas próprias mãos. Chega da escola com aquelas coisas

"horrorosas", feitas com casca de ovo, palito de sorvete, que chegam a cheirar mal. "Pai, tá bonito?" É óbvio que o pai dirá que está maravilhoso naquela circunstância. A ideia do elogio ou do não elogio tem de ser circunstancializada.

Uma pessoa autêntica não é aquela que é o tempo todo transparente. Se ela não tiver percepção de circunstância, ela se torna inconveniente. "Mas é assim que eu penso." O fato de pensar assim não exime a pessoa de ser moderada. Isso não a leva a perder a autenticidade, apenas a resguardar a expressão do modo como é. Porque, como eu sou com outros, tenho de ser de fato o que sou, mas não posso desconsiderar que outros existem. É preciso cautela, em nome da autenticidade, para não ser ofensivo. Nem descambar para o terreno da crueldade. Por exemplo, a criança chega com o presente e o pai diz: "Não está, não. Você deveria ter feito uma coisa bonita". Ora, na condição daquela criança, ela fez algo belíssimo. E é belo porque ela fez no melhor da sua condição.

Não é a mesma circunstância de um pai ou de uma mãe que percebem que a criança fez algo com desleixo. Nesse caso, não deve elogiar por elogiar, porque isso deseduca. Se um filho ou uma filha traz um desenho que pode ser precário, mas que, naquela circunstância, naquela idade, naquele modo, é o melhor que a criança poderia fazer, é preciso elogiar em alto estilo. É sinal de afeto imenso. Mas, se o desenho apresentado é resultado de um desleixo, não se deve elogiar. Eu posso dizer a clássica frase de quem educa: "Você é capaz de fazer melhor do que isso que está me mostrando". Isso é educação. O que é crueldade? Dizer: "Isso é péssimo".

Quem educa precisa corrigir sem ofender, orientar sem humilhar. Precisa conviver com essa virtude, que é a piedade.

De maneira geral, crianças são impiedosas, porque são absolutamente autênticas. Em determinada idade, uma autenticidade quase natural se manifesta. Quando em visita a uma casa, a dona serve um bolo e pergunta para a criança: "Tá bom esse bolo?". O pai e a mãe entram em estado de pânico, porque o risco é a criança dizer: "Não, tá ruim, não gostei". Pode-se argumentar: "Ué, vou ensinar a mentir?". Não, vai ensiná-la a ser piedosa em determinadas circunstâncias. O que diz uma criança indagada se o bolo está bom, se não estiver?

A criança pode ser formada para responder de forma que ela não se manifeste, mas não deixe de responder. Por exemplo: se alguém me pergunta se o bolo está bom, eu, adulto, digo: "Ô...", que pode ser lido de vários modos. A ideia de que a criança deve ser impedida de expressar a verdade é tão malévola quanto a ideia de que ela deve dizê-la por inteiro o tempo todo.

Em ciência, existe o critério da parcimônia, que serve também para a conduta. O pesquisador tem de ser parcimonioso em relação aos métodos, às regras, às variáveis. Essa ideia de parcimônia aplicada à convivência faz conexão com a autenticidade. Use com moderação.

Como seus filhos percebem que você é autêntico ou autêntica? Na prática. Se eu sou alguém que diz que a leitura é importante e não sou visto lendo, isso rompe essa perspectiva de autenticidade. Se eu digo que homens e mulheres são seres com direitos iguais e, enquanto alguém do sexo feminino lava a louça, eu fico sentado observando, se eu não partilho o trabalho doméstico, se

acho que reunião na escola é uma tarefa “natural” de mulher, enquanto o pai tem de ficar exilado dessa situação, isso quebra a autenticidade.

Formar pessoas autênticas é formar pessoas que não sejam hipócritas, dissimuladas. Formar para que elas sejam transparentes e francas o tempo todo é dificultar a convivência. Existe um dosamento, que é a capacidade de ficar naquilo que não ofende. É o princípio da piedade que tem de ser ensinado. Isto é, “vença, mas não humilhe”. Exceto quando o jogo supõe a humilhação. Como é o caso do truco, muito comum em estados do Sudeste do Brasil, nem tanto nas outras regiões. Faz parte da disputa a humilhação, e quem joga sabe disso. O perdedor é chamado de pato. Se perder uma mão de zero, a dupla perdedora tem de passar por baixo da mesa. Ninguém que joga truco deixa de fazê-lo, pois faz parte do jogo.

Já o bom jogador de tênis comemora a própria vitória, mas é discreto em relação ao desespero do adversário. Quando a bola bate de leve na rede e cai na quadra sem que o oponente possa esboçar defesa, é comum uma sinalização como pedido de desculpas, mesmo em se tratando uma competição.

Numa disputa, seria eticamente aceitável dar o troco numa provocação? Seria justa? Não. A ética se consolida dentro do indivíduo e não por reflexo dos outros grupos. Eu quero ser autêntico porque tenho isso como um valor. Não porque a outra pessoa, deixando de ser, me desobriga de sê-lo.

Ser piedoso é impedir que haja a crueldade dentro da relação, aquilo que produz no outro não uma animação, mas um sofrimento. A piedade é a recusa ao sofrimento alheio. Autenticidade não é

um passaporte para a crueldade. Há pessoas que se colocam como um salvo-conduto: “Se eu sou autêntico, digo o que penso, e considero isso um valor, mesmo que minhas palavras, gestos e opiniões possam ferir outras pessoas”. Isso é não compreender o alcance do que é conviver, com autenticidade, mas sem crueldade.

Será que um pai ou uma mãe, para preparar o filho para o mundo, o coloca para fazer MMA? Preparar para qual mundo? Estou me submetendo a esse mundo, em que temos como algo a ser idolatrado alguém que entra num octógono para machucar o outro no limite máximo? Que tipo de formação estou dando? Sou um fracasso como pai ou mãe se julgo necessário formar um indivíduo para viver nesse mundo, colocá-lo para ser cruel. “Ah, mas se eu não fizer isso, ele vai sofrer.” Ele vai sofrer muito mais se for formado para uma atitude que não é digna na convivência. Não acredito que seja prazeroso para um lutador de MMA assistir a uma reprise e ver outra pessoa sangrando, machucada, caída. Esse tipo de prazer é de alguém que tem algum desvio patológico. Essa lógica romana, da arena, do coliseu, é algo fora de propósito, sintomático de uma sociedade adoentada, aquela que tem o sangue que corre inutilmente como diversão. Não é casual a construção de coliseus ter se dado no momento em que o Império Romano entrou em decadência, a partir do século II, com sucessivos episódios de fragilização de seus imperadores e governantes. Por isso, é sinal de doença.

Ensino xadrez ou ensino o meu menino a lutar MMA? Creio que jamais o MMA. O xadrez talvez, dependendo do que se queira. Algum esporte? Se for cooperativo, sem dúvida. Pode ser esporte competitivo? Pode. Por exemplo, modalidades que levem a

reverência ao adversário, como o judô, em que existem regras para não ferir o outro, não bater fora de determinada linha que ultrapasse a mera disputa. A capoeira, que tem elementos de dança, em que há o desenvolvimento do corpo, da habilidade, sem que os praticantes se machuquem. Será que coloco o meu filho no MMA para ele aprender a ser homem autêntico? Jamais. Isso é submissão ao modo como as coisas estão, numa estrutura de decadência, numa sociedade adoentada. “Mas ele vai sofrer.”

Sofrerá mais se ele for iludido por uma máquina de adoecimento, que vai afetando as pessoas no dia a dia.

Nessa hora, vale relembrar a clássica frase do Mahatma Gandhi (1869-1948): “Olho por olho, uma hora acabamos todos cegos”.

CONCLUSÃO

Sustentar o futuro, engrandecer a Vida!

Há uma frase antiga que eu gosto de usar nos meus trabalhos, porque tem gente que diz: “Mas, Cortella, do jeito que a coisa está, se ficar o bicho come, se correr o bicho pega”. Mas tem uma terceira parte, e é disso que estamos falando desde o início deste livro. “Se ficar o bicho come, se correr o bicho pega, mas **se juntar o bicho foge**.” E é exatamente disso que nós temos de tratar no nosso dia a dia com as gerações. Levantar na vida cotidiana de cada indivíduo, na vida coletiva, quais as ideias que nos ajudam a sustentar o mundo.

Vale retomar algumas delas:

- Recusarmos o biocídio.
- Sermos capazes de adotar um padrão de consumo que não seja destrutivo. Sermos atentos à preservação das fontes de recursos para uma vida comunitária salutar. Sermos afeitos à partilha das coisas. Não nos esquecermos de que

nós somos capazes de construir do mesmo modo que somos capazes de destruir.

- Não perdermos de vista a percepção de que nenhum incêndio começa grande. Conforme ensina o Corpo de Bombeiros, sempre começa com uma faísca, uma fagulha, e vai ganhando proporção. Portanto, é nos pequenos gestos, nos constantes cuidados também que se impede a quebra dos princípios éticos.
- Sonharmos e, com isso, afastarmos dois mitos muito perigosos. O primeiro é “nada é possível” e o segundo é “tudo é possível”. Claro que alguma coisa pode ser feita. Nem tudo é impossível e nem tudo é possível. Mas temos coisas a fazer no nosso dia a dia para sermos decentes e embelezarmos a vida.

Quero terminar lembrando um filme antigo, quando nossos alunos e alunas não tinham nascido, nem muitos colegas docentes. Em 1975, Akira Kurosawa (1910-1998), o maior dos cineastas japoneses do século XX, fez um filme estupendo, que se passa na Rússia, chamado *Dersu Uzala* (Japão-URSS, 1975, 141 min). Conta a história de um homem da cidade que precisa ir até as montanhas da Sibéria para fazer trabalhos de medição topográfica. Como ele não conhece a região, solicita a ajuda de um guia, que é Dersu Uzala, um homem simples, que vive integrado à natureza de forma não destrutiva. Num determinado trecho, quando estão subindo a montanha, são apanhados por uma tempestade de neve. A situação vai ficando cada vez mais difícil: frio intenso, temperatura muito negativa, gelo para todo lado. Quando a situação fica crítica, em que a desesperança quase toma conta, eles

conseguem chegar a uma pequena cabana no alto da montanha. O abrigo, feito de toras, foi construído com a intenção de abrigar as pessoas. Quando entram, encontram madeira para fazer fogo e algum alimento para cozinhar. Havia carne-seca guardada, alguns grãos, frutas secas que tinham sido deixadas lá. Protegidos das intempéries, eles passam algum tempo ali dentro e conseguem sobreviver. Quando o sol aparece, o homem da cidade junta os equipamentos dele, pega a mochila e começa a sair feliz para descer a montanha. Dersu Uzala vai atrás dele e o chama:

— Aonde você vai?

— Ué? Vou embora. Já resolvemos o problema. Saiu o sol, estou partindo.

— Não, não podemos ir embora. Antes, nós temos de sair, juntar lenha e colocar dentro da cabana. Nós temos de achar alguma comida, alguma fruta e deixar aqui secando, senão o próximo que vier aqui no meio de uma tempestade vai morrer. Já imaginou se tivessem feito com a gente o que você está fazendo? Se alguém tivesse achado que, resolvido o problema dele, com a madeira e a comida, ele podia ir embora, nós teríamos morrido.

Estou relatando a cena conforme a minha memória, não é uma descrição fiel dos diálogos. Mas essa passagem nos ajuda na reflexão. É preciso não perder de perspectiva a seguinte questão: quando nós nos formos, o que vamos deixar? Como nós vamos deixar? Que gerações vamos deixar? Como nós nos educamos reciprocamente para isso?

É preciso que nós, educadores e educadoras, dentro das escolas, das organizações não governamentais, das entidades de

apoio, das empresas, da família, tenhamos ideias para sustentar o mundo e as futuras gerações.

É isso que eu e você temos de fazer pela nossa decência, aquilo que é belo, aquilo que engrandece, que eleva a vida, aquilo que não acaba e que, portanto, confere dignidade à nossa história. Aí sim, um dia nós poderemos partir em paz. Mas com a certeza de que nós deixamos a vida sustentada para aqueles que querem, como nós, fruir a vida, reverenciá-la, aproveitá-la na sua condição máxima.

Isso é decência. Isso sustenta a nossa dignidade. Isso é ética.